

## CONSUMO DE ÁLCOOL EM JOVENS: A IMPORTÂNCIA DA INTERVENÇÃO PRECOCE PARA O ATRASO DA EXPERIMENTAÇÃO

**Lídia Susana Mendes Moutinho<sup>1</sup>;**

Escola Superior de Enfermagem de Lisboa (ESEL), Lisboa, Portugal.

<https://orcid.org/0000-0001-5076-0612>

**João José Rolo Longo<sup>2</sup>;**

Escola Superior de Saúde Ribeiro Sanches (ERISA), Lisboa, Portugal.

<https://orcid.org/0000-0001-7462-9790>

**Cristiana Isabel da Cruz Furtado Firmino<sup>3</sup>;**

Escola Superior de Enfermagem de Lisboa (ESEL), Lisboa, Portugal.

<https://orcid.org/0000-0003-0328-7804>

**Olga Maria de Sousa Valentim<sup>4</sup>.**

Escola Superior de Enfermagem de Lisboa (ESEL), Lisboa, Portugal.

<https://orcid.org/0000-0002-2900-3972>

**RESUMO:** Os adolescentes e jovens adultos são grupos vulneráveis para a experimentação de substâncias onde se inclui o consumo de álcool. A literatura refere a existência de vários efeitos nefastos do consumo desta substância bem como a vulnerabilidade para o desenvolvimento da Perturbação de Uso de Álcool. Objetivo: Conhecer o padrão de consumo de álcool e a sua relação com a idade de experimentação em jovens que frequentam a escolaridade obrigatória. Metodologia: Estudo descritivo e correlacional de natureza quantitativa. Amostra constituída por 174 indivíduos de ambos os sexos que frequentam a escolaridade obrigatória num concelho de Portugal. Utilizou-se um questionário sociodemográfico e Alcohol Use Disorders Identification Test (AUDIT-C). Análise dos dados realizada com recurso ao SPSS 25. Resultados: Amostra com uma média de idades 15 anos, em que 75,9% da amostra já consumiu bebidas alcoólicas. Participantes de ambos os sexos apresentavam percentagens idênticas de consumo de risco de bebidas alcoólicas. Há correlação positiva entre a idade de experimentação, o consumo de risco e a prática de *Binge Drinking*. Conclusão: Os resultados apontam para a importância de ações de prevenção do consumo de álcool ainda na infância bem como a necessidade de aumentar a literacia dos jovens sobre o consumo desta substância.

**PALAVRAS-CHAVE:** Álcool. Adolescentes. Consumo de bebidas alcoólicas

## ALCOHOL CONSUMPTION IN YOUNG PEOPLE: THE IMPORTANCE OF EARLY INTERVENTION TO DELAY EXPERIMENTATION.

**ABSTRACT:** Adolescents and young adults are vulnerable groups for experimenting with substances, including alcohol consumption. The literature refers to the existence of various harmful effects of alcohol consumption, as well as vulnerability to the development of Alcohol Use Disorder. Objective: To understand the pattern of alcohol consumption and its relationship with the age of experimentation in young people attending compulsory school. Methodology: Descriptive and correlational quantitative study. The sample consisted of 174 individuals of both sexes attending compulsory school in a Portuguese municipality. A sociodemographic questionnaire and the Alcohol Use Disorders Identification Test (AUDIT-C) were used. The data was analyzed using SPSS 25.

Results: Sample with an average age of 15, in which 75.9% of the sample had already consumed alcoholic beverages. Participants of both sexes had identical percentages of risky alcohol consumption. There was a positive correlation between the age of experimentation, risky consumption, and binge drinking. Conclusion: The results point to the importance of actions to prevent alcohol consumption in childhood, as well as the need to increase young people's literacy about the consumption of this substance.

**KEY-WORDS:** Alcohol. Teenagers. Alcohol Consumption

### INTRODUÇÃO

Os problemas relacionados com a ingestão de bebidas alcoólicas afetam, a nível mundial, cerca de 2,3 biliões de pessoas com idade superior a 15 anos. Este consumo é avaliado tendo em consideração a venda anual de álcool puro, em litros, por pessoa com idade igual ou superior a 15 anos o que significa que não são contabilizados os consumos de álcool referentes à produção doméstica ou ilegal (ORGANISATION FOR ECONOMIC CO-OPERATION AND DEVELOPMENT [OECD], 2023; WORLD HEALTH ORGANIZATION [WHO], 2018). O impacto do consumo desta substância na saúde mundial é notável, sendo reconhecido como um fator causal para mais de 200 doenças onde se incluem o cancro, doenças cardiovasculares, suicídio, disfunções hepáticas e doenças infecto-contagiosas, incluindo tuberculose e VIH/SIDA (WHO, 2018; TEIXEIRA et al., 2023).

A Europa é conhecida como sendo a região do mundo onde o consumo de álcool é mais elevado. Estima-se que o consumo global desta substância tenha sido de 9,8 lt por pessoa em 2020, apesar de se registar uma diminuição de mais de um litro por pessoa em 14 países da Europa nas duas últimas décadas (OECD, 2023; WHO, 2018).

O território nacional acompanha a tendência para a diminuição de consumo de bebidas alcoólicas verificada em outros países europeus. Em Portugal, no período entre 2017 e 2022, constatou-se um aumento do número de pessoas sem consumos de álcool,

na população geral (15- 74 anos), apesar de não se verificarem melhorias significativas na maioria dos indicadores de consumo de álcool. O V Inquérito Nacional ao Consumo de Substâncias Psicoativas na População Geral, Portugal 2022 - realizado na população entre 15-74 anos residente em Portugal, revelou que 37 % dos consumidores atuais de substâncias psicoativas têm um consumo diário de álcool. Ainda segundo o mesmo inquérito, as práticas de consumo, como *binge drinking* (BD) e embriaguez severa, afetam 10 % e 7 % da população entre 15 e 74 anos, respetivamente (SERVIÇO DE INTERVENÇÃO NOS COMPORTAMENTOS ADITIVOS E NAS DEPENDÊNCIAS [SICAD], 2023).

Em 2022, os dados nacionais apontavam para um consumo médio de 10,4 litros de álcool *per capita*, o que coloca o território nacional como o 12º na Organização Europeia de Cooperação Económica e o 11º na União Europeia em termos de consumo mais elevado (OECD, 2023; SICAD, 2023).

Apesar da constatação do aumento da população que não consome bebidas alcoólicas na população maior de 15 anos, deverá ter-se presente que um primeiro contacto com as bebidas alcoólicas ocorreu antes desta idade ou seja na infância ou adolescência. Em Portugal, de acordo com ESPAD 2019 - *European School Survey Project on Alcohol and Other Drugs*, 2019 (SICAD, 2023), as prevalências do início do consumo de álcool com 13 anos ou menos foram de 41% e cerca de 5% da população desta idade já tinha experienciado a embriaguez.

O consumo de álcool é muito diferenciado tanto no que se refere ao tipo de bebidas ingeridas, como à quantidade e efeitos experimentados pelo que é possível encontrar várias classificações para o uso desta substância. A Organização Mundial de Saúde (2005) define uso de álcool como qualquer ingestão desta substância. Esta pode ser classificada como uso de baixo risco ou abuso de álcool. O uso de baixo risco verifica-se quando não resultam quaisquer problemas relacionados com o álcool. O termo abuso de álcool é utilizado para quando existe algum sinal de risco que pode evoluir até à dependência. A classificação do abuso de álcool divide-se em consumo de risco, consumo nocivo e dependência (DIREÇÃO GERAL DE SAÚDE [DGS], 2013; WHO, 2005).

A Classificação Internacional de Doenças (CID) - 11 e o Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais (DSM) - 5 refletem nos seus critérios que o consumo excessivo de álcool vai desde a ingestão pontual de bebidas alcoólicas à dependência da substância. O consumo de álcool pode estabelecer diferentes níveis de comprometimento ao longo de um contínuo que vai desde o nunca ter experimentado até à dependência grave. O grau de dependência está relacionado com o grau de problemas relacionados com a substância. É de salientar que de acordo com o CID - 11, para o indivíduo apresentar “uso nocivo” terá de ter evidência clara que o uso de álcool foi responsável (ou contribui consideravelmente) por dano físico ou psicológico, incluindo a capacidade de julgamento comprometida ou disfunção de comportamento; a natureza do dano é claramente identificável, os padrões nocivos de uso são frequentemente criticados por outras pessoas

e estão associados a consequências sociais adversas de vários tipos.(WHO, 2018), Por sua vez, na DSM - 5, é relevante o padrão de uso ter persistido por pelo menos um mês ou ter ocorrido repetidamente dentro de um período de 12 meses e não satisfazer critérios para qualquer outro transtorno relacionado à mesma substância no mesmo período (exceto intoxicação aguda) (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION [APA], 2013).

Além da classificação apresentada para a ingestão de bebidas alcoólicas nas diferentes classificações internacionais, surgiu a necessidade de diferenciar um padrão típico de dependência de álcool de um comportamento de beber excessivo em uma única ocasião seguido por períodos de abstinência que se designou por BD (COURTNEY; POLICH, 2009). Este é usualmente definido como o consumo abusivo de cinco ou mais bebidas alcoólicas por homem, ou quatro por mulher, num período de duas horas. Em relação ao período temporal da avaliação do consumo, a maioria dos autores concorda que deve variar de 6 meses a 1 ano uma vez que este comportamento está parcialmente associado a eventos sociais, como festividades acadêmicas, o que exige mais tempo para caracterizar adequadamente o padrão de ingestão de bebidas alcoólicas (MOUTINHO; MENDES; LOPES, 2018). Este tipo de consumo constitui um importante problema de saúde pública devido a complicações decorrentes de comportamentos socialmente desajustados, tais como conduzir sob efeito de álcool, comportamentos sexuais de risco ou violência interpessoal, podendo também pode causar dificuldades de aprendizagem, insucesso escolar e absentismo no trabalho ou na escola. (TOWNSHEND; KAMBOUROPOULOS; GRIFFIN, 2014).

A idade em que se verifica a experimentação de bebidas alcoólicas assim como os primeiros episódios de BD ocorre ainda na infância e início da adolescência, ou seja, em idades em que é obrigatório a frequência do ensino. De acordo com a legislação portuguesa, para as crianças e jovens com idades compreendidas entre os 6 e os 18 anos a frequência do ensino é obrigatória. Os jovens portugueses após concluírem o 9º ano de escolaridade, sensivelmente por volta dos 15 anos de idade, dispõem de uma oferta formativa diversificada. Uns seguem a via ensino para posteriormente acederem ao ensino superior; Outros (33,1% da população estudantil que frequenta a escolaridade obrigatória), de modo a integrar mais cedo o mercado de trabalho, optam por cursos profissionais. (Decreto - Lei nº 176/2012; ENGRÁCIA; BAPTISTA, 2018). Conscientes de que são múltiplas as variáveis que influenciam a experimentação e o padrão de consumo de bebidas alcoólicas, é importante perceber se o tipo de ensino frequentado poderá ou não ser um fator influenciador da ingestão de álcool.

Apesar do aumento da população que não consome bebidas alcoólicas continuam a verificar-se percentagens preocupantes de experimentação e ingestão de bebidas alcoólicas durante a escolaridade obrigatória. Importa por isso perceber a relação entre a idade de experimentação de bebidas alcoólicas e os padrões de consumo adotados.

## OBJETIVO

Conhecer o padrão de consumo de álcool e a sua relação com a idade de experimentação em jovens que frequentam a escolaridade obrigatória num concelho de uma cidade de Portugal. Pretende-se também averiguar a diferença entre sexos no que se refere ao padrão de consumos de bebidas alcoólicas e tipo de ensino frequentado.

## METODOLOGIA

Realizou-se um estudo descritivo e correlacional de natureza quantitativa. Os participantes foram selecionados em estabelecimentos do ensino secundário regular e profissional, utilizando a técnica de amostragem por conveniência. A amostra foi constituída por 174 participantes de ambos os sexos com idades compreendidas entre os 13 e os 22 anos de três escolas de um concelho de uma cidade portuguesa. A recolha de dados ocorreu no último trimestre de 2019. Procedeu-se ao pedido de autorização aos diretores das diferentes instituições. Após a explicação do direito individual de recusa quanto à participação em qualquer momento do estudo e sem consequências, e terem sido dadas garantias de confidencialidade dos dados recolhidos, bem como de anonimato, cada um dos participantes, pais e/ou responsáveis, leu e assinou o Consentimento Informado antes da distribuição e preenchimento dos questionários.

Os instrumentos de recolha de dados utilizados foram o Questionário Sociodemográfico que tinha questões que possibilitaram a caracterização da amostra (idade, sexo, tipo de ensino frequentado). Este questionário incluiu ainda questões como: “*Já alguma vez ingeriu bebidas alcoólicas?*” e “*Com que idade ocorreu o primeiro consumo de bebidas alcoólicas?*”. O instrumento utilizado para averiguar o padrão de consumo de bebidas alcoólicas foi o *The Alcohol Use Disorder Identification Test – C (AUDIT-C)*.

*The Alcohol Use Disorder Identification Test - C (AUDIT-C)* é uma versão reduzida do AUDIT, da qual fazem parte as três primeiras perguntas deste instrumento (Com que frequência consome bebidas que contêm álcool? Quando bebe, quantas bebidas contendo álcool consome num dia normal?; Com que frequência Consome seis bebidas ou mais numa única ocasião?) tendo sido testado com o intuito de reduzir o tempo para identificar as pessoas com consumos excessivos de álcool. O AUDIT-C apresenta correlação positiva elevada e significativa com o teste original, apresentando características semelhantes: no sexo masculino, para um ponto de corte de 5 pontos, apresentou sensibilidade e especificidade de 92,4% e 74,3%, respetivamente; na mulher, para um ponto de corte de 4 pontos, 90,9% e 68,4%, respetivamente (GUAL, SEGURA, CONTE, HEATHER & COLOM, 2002). A avaliação do consumo do tipo BD foi realizada através das respostas obtidas à pergunta 3 “Com que frequência consome seis bebidas ou mais numa única ocasião?”

Aos utentes do sexo masculino com score inferior a cinco e do sexo feminino com score inferior a quatro dever ser disponibilizado reforço positivo e reavaliado o seu consumo no prazo de quatro anos através do preenchimento do AUDIT-C. Aos indivíduos do sexo masculino com score superior ou igual a cinco e do sexo feminino com score superior ou igual a quatro deverá ser proposto o preenchimento das restantes perguntas do AUDIT. Aos utentes de ambos os sexos, com score inferior a oito, deve ser disponibilizado reforço positivo e reavaliação com o AUDIT-C no prazo de quatro anos (DGS, 2012).

Para a comparação entre sexos e entre os dois tipos de ensino foi utilizado o teste t (t) para amostras independentes. Para testar a correlação entre a idade do primeiro consumo e o risco de consumo de álcool e a prática de BD, foi utilizado o Coeficiente de Correlação de Pearson (r). A análise dos dados foi realizada através do *Statistical Packaje for the Social Sciences* (SPSS), versão 25.0. Em todos os testes foi adotado o nível de significância de 5% ( $p < 0,05$ ).

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

A amostra foi constituída por 174 participantes, sendo 44,3% do sexo masculino e 55,7% do sexo feminino. A média de idades do sexo masculino é de 15,2 (DP= 2,3) anos e no sexo feminino de 15,3 (DP=1,5). No que respeita ao tipo de ensino frequentado constatou-se que 75,3% frequenta o ensino regular e 24,7% o ensino profissional.

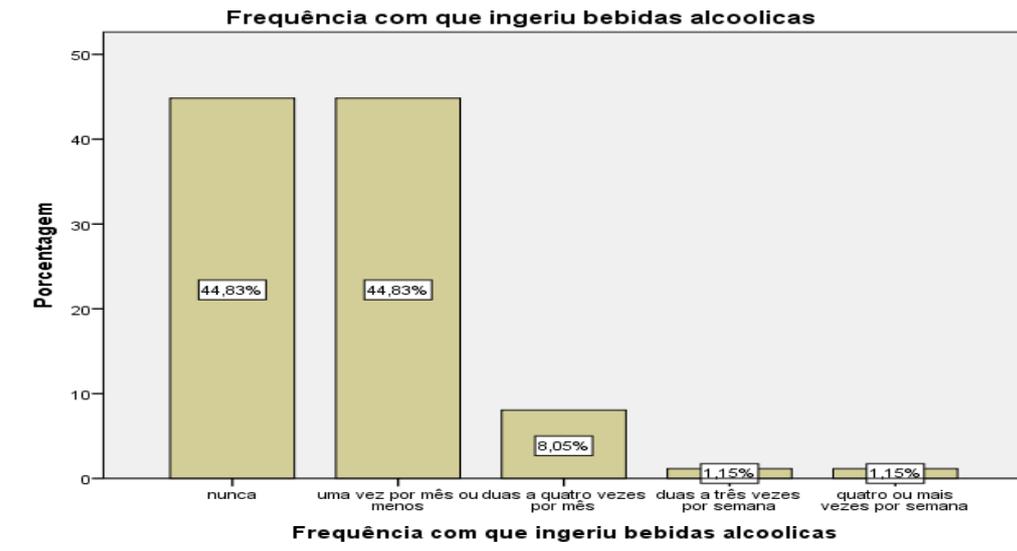
### Idade de Experimentação

Em relação ao consumo de álcool verificou-se que uma percentagem 75,9% da amostra já consumiu bebidas alcoólicas e apenas 24,1% diz nunca ter ingerido álcool quando avaliadas as respostas à pergunta: “Já alguma vez ingeriu bebidas alcoólicas?”. No entanto as respostas ao AUDIT - C revelam que no último ano uma percentagem de 44,83% diz nunca ter ingerido álcool. A idade do primeiro consumo oscilou entre os 5 e os 19 anos, sendo os 14 anos, a idade em que se verificou a maior frequência de experimentação.

### Padrão de ingestão de bebidas alcoólicas

A análise dos dados no que se refere à ingestão de bebidas alcoólicas no último ano mostra que 55,18% dos participantes ingeriu bebidas alcoólicas nos últimos 12 meses (Figura 1).

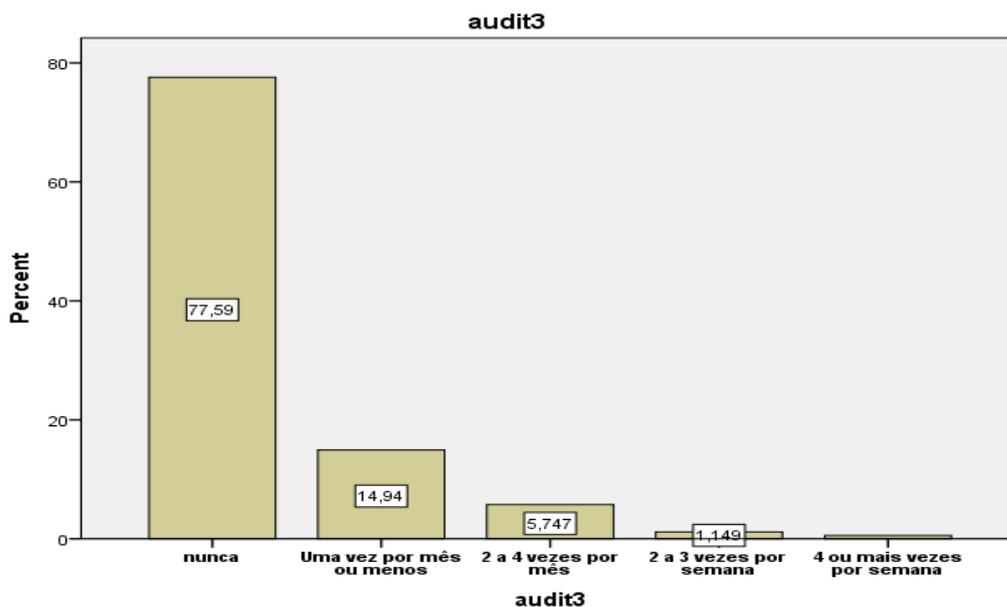
**Figura1** - Frequência da Ingestão de Bebidas Alcoólicas nos últimos 12 meses.



No que diz respeito aos participantes com baixa probabilidade de consumo excessivo de álcool, os resultados mostram que correspondem a 89,66 % da amostra.

O BD foi experienciado por 23% dos participantes, sendo que 5,7% adota este padrão de consumo pelo menos uma vez por mês.

**Figura 2-** Frequência da ingestão de 6 bebidas ou mais por ocasião nos últimos 12 meses.



## Diferenças entre sexos

Quando analisada a diferença entre sexos, no que se refere há existência de consumos de risco de bebidas alcoólicas, constatou-se que não há diferenças estatisticamente significativas ( $t_{(14)} = -0,60$  e  $p=0,55$ ).

No consumo do tipo BD, os participantes do sexo feminino são os que com maior frequência adotam este tipo de consumo ( $M=1,52$ ;  $DP=0,67$ ) comparativamente ao sexo masculino ( $M=1,33$ ;  $DP=0,76$ ), embora a diferença entre sexos não seja estatisticamente significativa ( $t_{(37)} = -0,82$  e  $p=0,41$ ).

## Diferenças entre tipo de ensino frequentado

Ao averiguar as diferenças entre os tipos de ensino frequentados pelos participantes constatamos que existem diferenças estatisticamente significativas ( $t_{(171)} = -3,47$  e  $p=0,00$ ). Por exemplo, a idade do primeiro consumo é mais precoce nos estudantes do ensino regular ( $M=9,19$ ;  $DP=5,9$ ) comparativamente aos que frequentam o ensino profissional ( $M=12,7$ ;  $DP=5,6$ ). A existência de consumos de risco de bebidas alcoólicas tem também significado estatístico ( $t_{(15)} = -2,15$  e  $p=0,05$ ). Os alunos do ensino profissional apresentam scores de AUDIT-C mais elevados ( $M=6,42$ ;  $DP=2,07$ ) quando comparados aos que frequentam o ensino regular ( $M=4,70$ ;  $DP=\pm 1,25$ ).

## Relação entre idade de Experimentação e consumo de álcool

Verificou-se que os participantes que tiveram uma experimentação de bebidas alcoólicas mais precoce, são os que apresentam uma prática mais frequente de BD ( $r=0,25$  e  $p=0,001$ ). A idade mais precoce de início dos consumos está também correlacionada positivamente com um score mais elevado do AUDIT-C ( $r=0,43$  e  $p=0,0001$ ).

## DISCUSSÃO

Na amostra estudada constatou-se a existência de diferentes padrões de consumo de bebidas alcoólicas. 75% dos participantes diz nunca ter ingerido bebidas alcoólicas quando questionados sobre a existência de algum consumo de álcool ao longo da vida. Este valor desce para quase metade da mostra (44,83%) quando questionados sobre a ingestão de álcool nos últimos 12 meses. Estes dados apontam para uma desvalorização do consumo de álcool recente quando não perpetuado. Os consumos sem riscos para a saúde são referidos pela maior parte dos participantes (89,66%). Porém, 23% praticou BD no último ano.

A percentagem de participantes (55,71%) que ingeriu bebidas alcoólicas nos últimos 12 meses é inferior aos 65% referidos no V Inquérito Nacional ao Consumo de Substâncias Psicoativas na População Geral, Portugal 2022 - realizado na população de

15-74 anos residente em Portugal (SICAD, 2023). Salienta-se, contudo, que a percentagem de participantes com baixa probabilidade de consumo excessivo de álcool (89,66%) é superior à encontrada noutros estudos realizados em Portugal. (ESPAD GROUP, 2015; MOUTINHO, 2018). Nestes estão incluídos os que nunca consumiram bebidas alcoólicas e os que consomem bebidas alcoólicas sem ainda apresentarem riscos para a saúde. Os resultados corroboram a tendência de decréscimo na percentagem de consumidores que se tem vindo a verificar no segundo decénio do século (SICAD, 2023).

No entanto, a idade a idade com que mais frequência se verificou a experimentação foi aos 14 anos, ou seja, uma idade mais tardia do que a identificada em outros estudos nacionais (ESPAD GROUP, 2016; SOUSA; ALMEIDA, 2018) anteriores a 2019, mas mais precoce do que a referida no V Inquérito Nacional ao Consumo de Substâncias Psicoativas na População Geral, Portugal 2022 (SICAD, 2023) que foi aos 16 anos. O consumo tende a ser superior nos jovens com mais idade sofrendo um particular aumento na transição dos 10-15 anos e nos 16 anos, atingindo prevalências máximas nos jovens com idades compreendidas entre os 19 e os 24 anos (CARAPINHA *et al.*, 2014). O consumo de bebidas alcoólicas iniciado nesta etapa de vida (entre os 5 anos e os 19 anos) acarreta consequências que se traduzem num pior funcionamento cognitivo (ZHAO *et al.*, 2021) e consequente pior desempenho académico (BODEN; BILAR; HOWES, 2020). De salientar que a experimentação é influenciada por diversas variáveis tais como condições socioambientais, relações familiares e convivência no ambiente escolar (MALTA *et al.*, 2018). Neste âmbito, emerge a necessidade de desenvolver intervenções em contexto escolar, adaptadas a cada faixa etária, que visem retardar a experimentação (FERREIRA; MOUTINHO; TEIXEIRA, 2019). A existência de familiares com consumos de álcool e, entre estes, aqueles que apresentam consumos com riscos para a saúde são apontados como um fatores de risco para o consumo de bebidas alcoólicas (MOUTINHO, 2018).

É importante salientar que dos 55,17% dos participantes que ingeriram bebidas alcoólicas no último ano, 23% adotou a prática de BD. Por certo, devido ao número de vezes que estes episódios ocorreram nos últimos doze meses este consumo ainda não foi identificado pelo AUDIT-C como um consumo com riscos para a saúde. Apesar do consumo de bebidas alcoólicas na amostra comprovar a tendência que se tem vindo a verificar desde 2012 para a estabilização do consumo de álcool pelos jovens, é preocupante a percentagem de pessoas (23%) com idade média de 15 anos que pratica BD. Vários estudos realizados em território nacional apresentam valores mais elevados de BD (ALCÂNTARA DA SILVA *et al.*, 2015; CARAPINHA, *et al.*, 2014; LAVADO; CALADO, 2019; MOUTINHO, 2018) no entanto a média de idades dos participantes é superior à da amostra estudada.

A diferença percentual entre os participantes com consumos com probabilidade de riscos para a saúde (9,8%) e os praticantes de BD parecem indicar a iliteracia dos jovens sobre as consequências do consumo de álcool independentemente do tipo de ingestão, de bebidas alcoólicas, realizado (REIS *et al.*, 2011).

Quando analisada a diferença entre sexos no que se refere há existência de consumos de risco de bebidas alcoólicas constatou-se que não há diferenças, o que vem corroborar a tendência apresentada desde 2015 para a aproximação do consumo de álcool entre rapazes e raparigas.

A prática de BD na amostra estudada não apresenta diferenças estatisticamente significativas apesar de ser maior a percentagem de praticantes do sexo feminino, o que poderá ser indiciador de alterações relevantes no padrão de consumo dos jovens. Este aumento de *binge drinkers* nas mulheres é particularmente preocupante considerando que estas podem precisar de consumir menos álcool do que os homens para obter os mesmos efeitos, e por outro lado elas são mais vulneráveis aos seus efeitos até mais tarde na vida (WHO, 2005; WHO, 2014).

A integração do consumo de bebidas alcoólicas em atividades de socialização e de lazer pelos jovens tem sido um fenómeno frequente nas últimas décadas (BECKER, 2017), por outro lado, é conhecido que este comportamento é muitas vezes fomentado pela influência de amigos e de familiares (NADALETI et al., 2018) uma vez que este comportamento é tido como uma norma social (BENISCASA et al., 2018). Além dos riscos de os jovens se envolverem em situações que podem trazer danos para a saúde são diversos os estudos que alertam que o consumo de bebidas alcoólicas na adolescência é preditor da perturbação de uso de álcool na idade adulta (BODEN; BLAIR; HOWES, 2020; OLIVEIRA, et al., 2018). A existência de atividades de sociais que não incluam a ingestão de bebidas alcoólicas e de uma rede de amigos sem consumos de álcool, são apontadas como fatores protetores para que este comportamento não se verifique (MOUTINHO, 2018; SILVA et al., 2021)

Apesar de há algumas décadas se constatar que a dependência poderia cursar sem ocorrência de BD, pois o consumo de bebidas alcoólicas acontecia ao longo do dia, a percentagem de *binge drinkers* no grupo de consumidores nocivos e/ou dependência mostra que outra tendência se tem vindo a verificar. Com efeito, o consumo de elevadas doses de bebidas alcoólicas nos consumidores mais jovens ocorre num curto período, culminando muitas vezes em embriaguez. Verifica-se assim, que os consumos ficam concentrados em algumas horas não se verificando a ingestão de álcool nos outros períodos do dia. A consciencialização sobre as consequências do BD é emergente dadas os efeitos imediatos causadas pela alteração comportamental devida ao rápido aumento dos níveis de álcool na corrente sanguínea. A ausência da consciência de consequências imediatas do consumo compromete a necessidade de alteração deste comportamento. Para muitos, só quando é aflorada a incapacidade para interromper o consumo de álcool é que é ponderada a alteração do padrão de consumos (MOUTINHO, 2018).

No que se refere ao tipo de ensino frequentado, a presente investigação mostrou existirem diferenças estatisticamente significativas entre os estudantes do ensino regular e do ensino profissional, sendo os estudantes do ensino profissional os que apresentam

maior percentagem de consumo de risco, achado corroborado por outras investigações (MOUTINHO, 2018). A escassez de estudos realizado com estudantes do ensino profissional constitui um elemento limitador da caracterização dos mesmos. Por outro lado, ao concluir a escolaridade obrigatória os jovens que estão no ensino profissional ficam aptos para iniciarem a sua carreira profissional. Sob esta perspetiva, a aproximação da integração no mercado de trabalho poderá ser um fator condicionador desta situação pela influência que poderá exercer nos hábitos de socialização dos jovens.

A idade de experimentação é mais precoce nos estudantes que frequentam o ensino regular. Por certo o contexto escolar e a influência de pares poderão ser variáveis explicativas para este fenómeno.

Os resultados mostram a correlação entre a idade de experimentação, a prática de BD e o consumo de álcool com probabilidade de danos para a saúde. Estes dados parecem indicar que as medidas que visam atrasar a idade de experimentação devem ser associadas a outras estratégias que impeçam a integração do consumo de álcool nos hábitos de socialização dos jovens, pois apesar de iniciarem mais tarde o consumo, este é integrado sob a forma de BD ou com consumos com probabilidade de riscos para a saúde, como atestam os resultados dos participantes que integram o ensino profissional.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A amostra estudada apresenta diversos padrões de consumo de bebidas alcoólicas. A ingestão de álcool é influenciada pela idade de experimentação bem como pelo tipo de ensino frequentado.

O consumo de bebidas alcoólicas nos jovens em formação em idades precoces assim como o BD, mostram a pertinência de iniciar ações de prevenção do consumo de álcool no ensino básico. Alertam também para a necessidade de aumentar a literacia dos jovens sobre o consumo de álcool e em especial no que se refere à prática de BD.

Durante a formação educacional/ académica dos jovens acontecem os primeiros consumos de álcool e em alguns casos a sua integração nos hábitos de vida. Nesta etapa do ciclo vital existem pessoas significativas tais como os professores ou líderes de atividades desportivas e recreativas que devem estar informadas sobre os sinais de consumo de substâncias e suas consequências de modo a ser possível a sinalização dos jovens com consumos e encaminhamento/ referenciação. Neste âmbito, torna-se relevante a realização de ações formativas direcionadas para aqueles que lidam direta ou indiretamente com os jovens de modo a ser possível a identificação precoce de consumos com riscos para a saúde.

É fundamental que os profissionais da saúde, nomeadamente o enfermeiro, pesquisem sistematicamente e sem julgamentos prévios o uso do consumo de bebidas alcoólicas, para intervirem de forma individualizada e diminuir o preconceito em relação ao

uso do álcool.

Investigações que caracterizem os jovens que frequentam o ensino profissional bem como daqueles que abandonaram a escola são necessárias para uma melhor compreensão da experimentação e padrão de consumo de álcool nos jovens.

## REFERÊNCIAS

ALCÂNTARA DA SILVA, P. *et al.* **Consumos e Estilos de Vida no Ensino Superior: o caso dos estudantes da ULisboa – 2012**. Serviços de Intervenção nos Comportamentos Aditivos e nas Dependências. 2015. Lisboa: Editorial do Ministério da Educação e Ciência. ISBN: 978-972-9345-88-3.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders, (5<sup>th</sup> ed)**. Arlington, VA. American Psychiatric Association, 2013.

BECKER, K. L. O efeito da interação social entre os jovens nas decisões de consumo de álcool, cigarros e outras drogas ilícitas. **Estudos Econômicos** (São Paulo), 47(1), 65-92, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0101-416147136klb>. Acesso em: 05 dezembro 2022.

BENINCASA, M. *et al.* The influence of relationships and alcohol use by adolescents. **SMAD, Rev. Eletrônica Saúde Mental Álcool Drog. (Ed. port.)**, Ribeirão Preto, v. 14, n. 1, p. 5-11, 2018. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1806-69762018000100002&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-69762018000100002&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 01 ago. 2023. <https://doi.org/10.11606/issn.1806-6976.smad.2018.000357>.

BODEN, J.; BLAIR, S.; NEWTON-HOWES, G. Alcohol use in adolescents and adult psychopathology and social outcomes: Findings from a 35-year cohort study. **Australian & New Zealand Journal of Psychiatry**, v. 54, n. 9, p. 909-918, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/0004867420924091>. Acesso em: 31 janeiro 2022.

CARAPINHA, L. *et al.* **Os jovens o álcool e a lei, Consumos, atitudes e legislação**. Lisboa. Serviço de Intervenção nos Comportamentos Aditivos e nas Dependências. 2014.

COURTNEY, K.; POLICH, J. Binge drinking in young adults: data, definitions and determinants. **Psychological Bulletin**. v. 135, n. 1, p. 142-156, 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.1037/a0014414>. Acesso em: 28 de fevereiro 2023.

DIREÇÃO GERAL DE SAÚDE [DGS]. Norma nº 030/2012. **Deteção Precoce e Intervenção Breve no Consumo Excessivo de Álcool**. Disponível em: <https://normas.dgs.min-saude.pt/wp-content/uploads/2019/09/detecao-precoce-e-intervencao-breve-no-consumo-excessivo-de-alcool.pdf>. Acesso em; 31 janeiro 2022.

ENGRÁCIA, P.; BAPTISTA, J. **Percursos no ensino superior: situação após quatro**

**anos dos alunos inscritos em licenciaturas de três anos.** Direção-Geral de Estatísticas da Educação e Ciência (DGEEC); 2018. Disponível em: <https://www.dgeec.medu.pt/api/ficheiros/658f032dcd6e9d624da63a22>. Acesso em 18 março 2023.

EUROPEAN SCHOOL SURVEY PROJECT ON ALCOHOL AND OTHER DRUGS GROUP. **Report 2015. Results from the European school survey project on alcohol and other drugs.** Luxembourg: Publications Office of the European Union; 2016. Disponível em: [http://www.espad.org/sites/espad.org/files/ESPAD\\_report\\_2015.pdf](http://www.espad.org/sites/espad.org/files/ESPAD_report_2015.pdf). Acesso em: 31 março 2023.

FERREIRA, S.; MOUTINHO, L.; TEIXEIRA, J. Consumo de álcool nos jovens: a importância dos programas de prevenção no atraso da experimentação. **Revista de Psicologia da Criança e do Adolescente.** v. 10, n. 2, p. 219-232, 2019. Disponível em: <http://repositorio.ulusiada.pt/handle/11067/5562>. Acesso em: 05 abril 2023.

GUAL, A. *et al.* AUDIT-3 and AUDIT-4: effectiveness of two short forms of the alcohol use disorders identification test. **Alcohol and Alcoholism,** v. 37, n. 6, p. 591-596, 2002. Disponível em: <https://doi.org/10.1093/alcalc/37.6.591>. Acesso em: 20 março 2023.

LAVADO, E.; CALADO, V. ECATD-CAD 2019. **Estudo sobre os Comportamentos de Consumo de Álcool, Tabaco, Drogas e outros Comportamentos Aditivos e Dependências: Portugal 2019. Álcool.** Serviço de Intervenção nos Comportamentos Aditivos e nas Dependências. 2019. Disponível em: <file:///C:/Users/anton/Downloads/ECTAD2019.lcool.pdf>. Acesso em: 20 abril 2023.

MALTA, D. *et al.* Uso de substâncias psicoativas em adolescentes brasileiros e fatores associados: Pesquisa Nacional de Saúde dos Escolares, 2015. **Revista Brasileira de Epidemiologia,** v. 21, e180004, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1980-549720180004.supl.1>. Acesso em: 07 agosto 2023.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CIÊNCIA. Diário da República nº 1492012, Série I de 2012-08-02. **Decreto - Lei nº 176/2012.** Regula o regime de matrícula e de frequência no âmbito da escolaridade obrigatória das crianças e dos jovens com idades compreendidas entre os 6 e os 18 anos e estabelece medidas que devem ser adotadas no âmbito dos percursos escolares dos alunos para prevenir o insucesso e o abandono escolares. Disponível em: <https://diariodarepublica.pt/dr/detalhe/decreto-lei/176-2012-179057>. Acesso em: 18 março de 2023.

MOUTINHO, L. **Consumo de álcool: da experimentação precoce ao consumo de risco.** 2018 Tese (Doutorada em Enfermagem). Universidade de Lisboa. Lisboa, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ul.pt/handle/10451/34563>. Acesso em: 30 abril 2023.

MOUTINHO, L.; MENDES, A.; LOPES, M. Alcohol consumption and binge drinking among young adults aged 20-30 years in Lisbon, Portugal. **Journal of Addictions Nursing,** v. 29, n. 4, p. E9-E15, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1097/JAN.0000000000000255>. Acesso em: 21 janeiro 2023.

NADALETI, N. P. *et al.* Avaliação do consumo de álcool entre adolescentes e os problemas associados\*. **SMAD, Rev. Eletrônica Saúde Mental Álcool Drog. (Ed. port.)**, Ribeirão Preto, v. 14, n. 3, p. 168-176, 2018. DOI: 10.11606/issn.1806-6976.smad.2018.000340. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/smad/article/view/155681>. Acesso em: 05 maio 2024.

OLIVEIRA, J. *et al.* Correlates of binge drinking among Brazilian adolescents. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 23, n. 10, p. 3445-3452, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1590/1413-812320182310.29072016>.

ORGANISATION FOR ECONOMIC CO-OPERATION AND DEVELOPMENT (OECD). **Health at a Glance 2023: OECD Indicators**. Paris: OECD Publishing, 2023.

REIS, A. *et al.* Prevalência da INgestão de Álcool nos Adolescentes: Estudo PINGA. **Rev Port Clin Geral**, Lisboa, v. 27, n. 4, p. 338-346, jul. 2011. Disponível em <[http://scielo.pt/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0870-71032011000400004&lng=pt&nrm=iso](http://scielo.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0870-71032011000400004&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 07 agosto 2023.

SERVIÇO DE INTERVENÇÃO NOS COMPORTAMENTOS ADITIVOS E NAS DEPENDÊNCIAS SICAD (SICAD). **Relatório Anual 2022 - A Situação do País em Matéria de Álcool**. Lisboa: SICAD, 2023.

SILVA, S. Z. *et al.* Adolescentes em território de grande circulação de substâncias psicoativas: uso e prejuízos. **Revista Eletrônica de Enfermagem**, 23, 1-10, 2021. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fen/article/view/60854>. Acesso em 15 dezembro 2023.

SOUSA, C.; ALMEIDA, L. **Consumo de álcool na transição do Ensino Secundário para o Ensino Superior**. In: Atas do VI Seminário Internacional Cognição, Aprendizagem e Desempenho. Centro de Investigação em Educação, Universidade de Minho, 2018. Disponível em: <https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/56198/1/Livro%20de%20Atas%20VI%20Semin%C3%A1rio%20Internacional%20Cogni%C3%A7%C3%A3o%20e%20Desempenho.pdf>. Acesso em: 15 abril 2023.

TEIXEIRA, J., et al. **Álcool: Teoria e Clínica**, Lidel, 2023. ISBN 978-989-752-808-8

TOWNSHEND, J. *et al.* Binge drinking, reflection impulsivity, and unplanned sexual behavior: impaired decision-making in young social drinkers. **Alcoholism Clinical & Experimental Research**. v. 38, n. 4, p. 1143-1150, 2014. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/24428268/>. Acesso em: 31 janeiro 2023.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Alcohol policy in the WHO European Region: current status and the way forward**. Copenhagen: WHO/Regional Office for Europe, 2005. Disponível em: <http://www.euro.who.int/document/mediacentre/fs1005e.pdf>. WHO, 2014. Acesso em: 31 março 2023.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Global status report on alcohol and health 2018**.

Luxemburg: WHO Press, 2018.

ZHAO, Q. et al. Adolescent alcohol use disrupts functional neurodevelopment in sensation seeking girls. **Addiction biology**, v. 26, n. 2, e12914, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/adb.12914>. Acesso em: jan. 2022.